

# O NASCIMENTO DE CRISTO

## Peça de Natal de Oberufer

Versão para o português de Ruth Salles

## O NASCIMENTO DE CRISTO

**A COMPANHIA:** o Cantor da Estrela, o anjo Gabriel, Maria, José, os estalajadeiros Rufino, Sérvilo e Tito, os três pastores, João, Chico e Pedro, e o quarto, Tião, fazem sua entrada cantando:

**A COMPANHIA:** Benza Deus o nosso entrar  
e a hora da saída;  
benza o pão em nosso lar,  
quem repousa e quem lida.  
Boa morte a Deus roguemos,  
e o céu nós herdaremos.

**O CANTOR DA ESTRELA** fala:

Queridos cantores, ficai bem juntinhos,  
como na frigideira ficam os bolinhos.  
Queridos cantores, meio-círculo formemos,  
e nosso tempo a cantar passemos.  
Queridos cantores, ânimo nos corações!  
E comecemos nossas saudações!  
Saudemos Deus Pai em seu trono de excelso brilho,  
e saudemos também seu único Filho;  
saudemos o Espírito Santo e, em verdade,  
saudemos toda a Santíssima Trindade.  
(José e Maria se adiantam.)  
Saudemos José e a Virgem Maria  
e também seu Filhinho, com muita alegria.

Saudemos o boi e o burrinho,

que da manjedoura estão bem pertinho.

Saudemos pelo sol e pelo clarão da lua cheia

que iluminam o mar e os rios da aldeia.

Saudemos pelo arvoredo e pela relva do prado,

e pela santa chuva que deixa tudo e todos molhados.

Saudemos a César e a coroa que ele tem,

e saudemos o mestre-escola que faz tudo tão bem.

Saudemos o senhor cura e o reverendo pastor,

que nos permitiram cantoria e cantor.

Saudemos o senhor juiz com seus jurados,

pois bem merecem ser homenageados.

Saudemos a comunidade aqui presente,

que está toda reunida à nossa frente.

Saudemos nosso Conselho, tão honrado,

como se o próprio Deus o tivesse organizado.

Saudemos por toda raiz escondida,

que do fundo da terra vai buscar a vida.

Queridos cantores, mudemos de toada;

a estrela espera ser também saudada.

Saudemos esta vareta alongada,

onde nossa estrela está apoiada.

Saudemos sua grade a abrir e a fechar;

ela é que faz a estrela caminhar.

Saudemos todos os pedacinhos de madeira

que juntos formam a sanfona ligeira.

Queridos cantores, fique assim constando

que nossa estrela estávamos saudando.

Saudemos o mestre-cantor que aqui vem,

e ao seu chapéu saudemos também.

Saudemos nosso mestre, que tanto se esforçou

e que, com a ajuda de Deus, nos ensaiou.

Queridos cantores já foram ouvidas

as saudações a todos por nós dirigidas.

(A Companhia senta-se nos bancos laterais.

O anjo Gabriel vem para frente e fala.)

**O ANJO GABRIEL:** Sem querer ofender, aqui dou entrada.

Uma boa noite venho desejar,

uma boa noite, uma hora abençoada

que o Senhor dos Céus vai ofertar.

Honrados senhores, sábios, generosos,

gentis donzelas, senhoras virtuosas,

não vos zangueis pelos poucos instantes

em que tereis de ouvir esta história tocante.

O que trazemos agora para vós

não é poesia feita por nós,

nem coisa por pagãos imaginada,

mas que consta da Escritura Sagrada.

A saber: é o nascimento de Nosso Senhor Jesus,

que veio para ser nosso consolo e nossa luz.

agora, se quiserdes ouvir sossegados,  
prestai atenção e escutai calados.

**A COMPANHIA** dá uma volta cantando:

Ao cumprir o bom Deus  
o que nos prometeu,  
mandou-nos lá do céu  
o anjo Gabriel.  
Na Galileia desceu,  
bem onde é Nazaré.  
Há uma Virgem lá:  
é Maria.  
E Maria a José  
foi dada por mulher.  
(A Companhia se retira; só Maria fica.  
O anjo Gabriel sai do fundo da cena,  
para diante de Maria e fala)

**O ANJO:**

Salve, ó cheia de graça!  
O Senhor é contigo.  
Bendita és tu entre as mulheres.  
Eis que conceberás  
e darás à luz um Filho,  
e deverás dar-lhe o nome de Jesus.  
E Ele reinará sobre seu povo eternamente.

**MARIA:** Como se fará isto,  
se não conheço varão?

**O ANJO:** Olha, eu sou o anjo Gabriel  
que assim te anuncia:  
a força do Altíssimo te cobrirá,  
por isso o Santo que nascerá de ti  
será chamado Filho de Deus.  
E olha: Isabel, tua prima,  
concebeu um filho em sua velhice;  
e já está no sexto mês  
aquela que diziam ser estéril;  
porque para Deus tudo é possível.

**MARIA:** Eis aqui a serva do Senhor.  
Faça-se em mim segundo a tua palavra.

(o Anjo sai, Maria segue-o. Ambos se integram  
à Companhia, que dá outra volta, cantando.)

**A COMPANHIA:** E nos tempos de Augusto  
concebeu Maria.  
No momento justo  
cumpriu-se a profecia.  
Quis o César decretar:  
todos devem se alistar

sem impedimento.  
No lugar em que nasceu,  
cada um compareceu  
ao recenseamento.  
O grande César decretou,  
e logo o censo começou.  
Lá vai José a caminhar  
com a gentil Virgem Maria.  
Vêm vindo lá de Nazaré,  
até Belém, na Judeia.  
E em Belém, ao sol raiar,  
nasceu o Filho de Maria.  
(Todos saem. Ficam só Maria e José.)

**JOSÉ:**

César Augusto acabou de decretar  
que todos terão de se recensear.  
Dos chefes de família um tributo será cobrado,  
e quem não o pagar será castigado.  
Todo o dinheiro que eu vinha guardando  
só com o necessário é que o fui gastando.  
Nenhum tostão sobrou, na verdade.  
Que desgraça! Meu Deus, tem piedade!  
Não sei de que modo vou ganhar dinheiro,  
pois sinto uma fraqueza pelo corpo inteiro.  
Não posso exercer minha profissão.  
Ah, isso entristece meu coração...

Mas o tributo eu hei de pagar,  
para a vontade de César se aplacar.

**MARIA:** José, não te aflijas, fica sossegado.  
Amanhã cedo pedirei a um amigo, emprestado,  
o dinheiro para o recenseamento.  
Acalma, pois, teu pensamento.

**JOSÉ:** Mas quem terá tanto dinheiro assim,  
que possa emprestar a ti e a mim?  
Falta dinheiro para todos também.  
Deus é que há de mudar nosso mal em bem.

**MARIA:** Se outra saída nós não temos,  
ao pescoço do bezerro a corda amarremos.  
E para Belém vamos todos partir,  
pois lá é que Augusto nos mandou ir.  
Venderemos o bezerro por um preço adequado,  
e assim tudo será acertado.

**JOSÉ:** Se dermos o bezerro para pagar o recenseamento,  
no futuro de onde vamos tirar nosso sustento?  
Toda a minha esperança pus nesse bezerro.  
E vendê-lo agora não seria um erro?  
Porém temos dois animais para dar.  
Vamos pegar o menor e levar.



Maria, traz para cá o burrinho.  
Vou a teu lado com o bezerrinho.  
(Maria e José iniciam sua caminhada.  
A Companhia dá uma volta cantando.)

**A COMPANHIA** repete a primeira estrofe do canto anterior:

E nos tempos de Augusto  
concebeu Maria.  
No momento justo  
cumpru-se a profecia.  
Quis o César decretar:  
todos devem se alistar  
sem impedimento.  
No lugar em que nasceu,  
cada um compareceu  
ao recenseamento.  
(A Companhia retira-se. Os estalajadeiros se  
destacam dela e ficam para trás. Maria e José  
continuam sua caminhada.)

**MARIA:** Logo à cidade chegaremos.  
E o bezerro e o burrinho onde amarraremos?

**JOSÉ:** Conheço lá um estalajadeiro.  
Seu nome é Rufino. É um bom hospedeiro.  
Vamos ter com ele. Falta um pouco mais.  
Poremos lá dentro nossos animais.

- MARIA:** E se outras pessoas chegaram primeiro  
e ocuparam o alojamento inteiro?  
Muita, muita gente  
viaja para Belém à nossa frente.
- JOSÉ:** Olha, a cidade já está bem pertinho.  
Toquemos mais depressa o bezerro e o burrinho,  
antes que as portas se fechem agora,  
e nos deixem do lado de fora.
- MARIA:** Ah, José, anda mais devagar...  
Está difícil, para mim, caminhar.  
O gelo da estrada me faz escorregar.  
Receio cair, se me apressar.  
Nunca senti um frio igual.  
Tenho medo que me faça algum mal.
- JOSÉ:** À noite poderemos, com panos aquecidos,  
esfregar nossos pés e mãos endurecidos.  
(Pausa.)  
Olha, é esta a estalagem, Maria,  
aonde eu disse que te traria.
- (José bate três vezes com o cajado no chão.  
Surge o estalajadeiro.)

**JOSÉ:** Boas tardes, amigo Rufino! Chegamos de viagem.  
Podeis alojar-nos em vossa estalagem?  
Como bem sabe todo caminhante,  
um percurso tão longo cansa bastante.  
Fustigou-nos um vento inclemente,  
batendo em nossos rostos violentamente.

**RUFINO:** Procurai daquele outro lado,  
pois aqui está tudo lotado.  
Os quartos estão cheios de gente, amigo.  
Podeis acreditar, é verdade o que digo.  
E se minha importância não vos convenceu,  
Sabei que em minha casa quem manda sou eu.

**JOSÉ:** Não sei de nenhum outro amigo  
que nos estenda a mão e nos dê abrigo.  
Mas não vamos desesperar.  
Tentemos a sorte em outro lugar.  
Vamos cumprimentar o bom vizinho do lado.  
Quem sabe em sua casa ficamos alojados.

(José bate três vezes com o cajado no chão;  
Surge Sérvilo, o outro estalajadeiro.)

**JOSÉ:** Meu amigo, não tendes algum aposento  
onde possamos descansar um momento?

**SÉRVILO:** Que tenho eu convosco? Segui vossa trilha!  
(Grosseiro) Sabe-se lá de onde vem essa gente andarilha?  
Eu ganho muito mais com outros, mendigo,  
do que poderia ganhar contigo!  
Sai já daqui com tua bagagem!  
Não quero mais barulho em minha estalagem.  
(Ele se retira.)

**MARIA:** Que Deus tenha pena de nós, humilhados,  
e tendo de sair daqui enxotados.  
De frio e aflição iremos morrer,  
pois nenhuma pousada nos vai acolher.  
(Aparece Tito, o terceiro estalajadeiro,  
com uma lanterna.)

**TITO:** Que estais lamentando, minha senhora,  
caindo em total desespero agora?  
Vedes bem que minha casa, caminheiros,  
está repleta de forasteiros.  
Mas se vos bastasse uma estrebaria,  
de boa vontade eu vos acolheria.

**MARIA:** Bom homem, basta-nos qualquer lugar,  
duro ou macio, para descansar;  
contanto que não nos fustigue a nevada  
e não nos mate de frio a ventania gelada.

**TITO:** Então, por enquanto, entrai na estrebaria.  
Quem sabe mais tarde a casa se esvazia.  
(O estalajadeiro conduz Maria e José até o presépio. Maria senta-se num banquinho.)

**JOSÉ** canta: Devemos nós, ó Virgem pura, descansar  
na pobre manjedoura. E Deus vigiará,  
ó Maria, ó Maria.

**MARIA** canta: Ó meu José, só tu deverás me confortar.  
A hora virá agora.  
Com dores vou receber  
o filho meu. Seu nome é Jesus.

**JOSÉ:** Amanhã cedo irei a Caná  
e verei quanto o açougueiro me dá  
por este animal, que levarei comigo.  
Algo em troca decerto eu consigo.  
Com o dinheiro do tributo ajuntado,  
o desejo de Augusto será aplacado.

**MARIA:** Será que esse animalzinho valeria  
o suficiente para aquela quantia?

**JOSÉ:** Não tenhas dúvida! E espero que depois  
ainda sobre um pouquinho para nós dois.

(O Anjo aparece com a estrela  
por trás da manjedoura.)

**MARIA:** Ó José, é chegado o momento  
em que se dará o livramento  
do fruto em meu ventre gerado,  
tal como Gabriel me havia anunciado.  
Vai ao hospedeiro implorar  
que em sua casa nos deixe entrar.

**JOSÉ:** Maria, será difícil ele nos ouvir.  
Tanta coisa ao mesmo tempo estamos a pedir.  
Mas irei de bom grado lá verificar  
e ver se um lugarzinho ainda posso encontrar.  
(José pega a lanterna, vai até a estalagem  
e bate três vezes no chão com o cajado.  
Aparece o estalajadeiro.)

**JOSÉ:** Senhor Tito, hoje um filho nos nasceu,  
e de frio esta noite ele quase morreu.  
Deixai que entremos sem demora  
em vossa hospedaria agora!

**TITO:** Eu gostaria muito de vos acomodar,  
mas duas dúzias de hóspedes acabam de chegar,  
e ocuparam todos os quartos e cantinhos.  
Arranjai-vos como puderdes com vosso filhinho.

E se minha importância não vos convenceu,  
sabei que em minha casa quem manda sou eu.

(José volta a Maria.)

**JOSÉ:** Maria, de nada adiantou implorar.  
Na estrebaria ainda temos de ficar.  
Para que tanto frio não gele o menininho,  
deita-o na manjedoura, entre o bezerro e o burrinho.

**MARIA** canta: Ó meu José, o mundo cruel  
nos quer negar,  
pois só no pequeno presépio  
podemos pernoitar,  
ó meu José, ó meu José!  
Macia palha vai buscar,  
com ela o berço vou preparar.

**JOSÉ** canta: O meu querer e o meu sentir –  
é tudo teu, filhinho meu.

**MARIA** canta: Ó vem, José,  
embalar o meu Jesus.  
Deus te pague com Sua luz,  
ó meu José, ó meu José!

**JOSÉ** canta: Ó tu, querida Maria,  
com alegria estarei  
a embalar Jesus também.  
E Deus me vai abençoar,  
Maria, Maria!  
(O Anjo aparece de novo com a estrela.)

**MARIA** canta: José, os anjos a cantar,  
no alto dos céus,  
dão glória a Deus.  
O Seu amor chegou.  
Seu Filho nos mandou.  
Em Sua luz,  
nasceu Jesus.  
  
(José senta-se. Os dois ficam ali,  
enquanto a Companhia desfila e canta)

**A COMPANHIA:** Jesus Menino em Belém  
nasceu, nasceu!  
Vem alegrar Jerusalém.  
Aqui viemos nós louvar,  
a Mãe do Senhor venerar,  
com seu Filhinho Jesus,  
com seu Filhinho Jesus.  
A Jesus Cristo Salvador



cantemos em louvor,  
cantemos em louvor.  
Na manjedoura dorme assim  
- Nasceu! Nasceu! –  
e seu reinado não tem fim.  
Aqui viemos nós louvar,  
a Mãe do Senhor venerar,  
com seu Filhinho Jesus,  
com seu Filhinho Jesus.  
A Jesus Cristo Salvador  
cantemos em louvor,  
cantemos em louvor.

(Pausa. A Companhia espera um pouco e,  
em seguida, os pastores se afastam furtivamente  
pelos bastidores. A Companhia se senta. João  
aparece ao fundo e fala.)

**JOÃO:**

Olá! Êh! Ôi!  
Pensei que eu fosse chegar por derradeiro,  
mas vejo que aqui sou o primeiro.  
Ui, ui, está fazendo um frio danado!  
Quase que dá para morrer congelado.  
Meu rosto gelou tanto que, por um triz,  
não sinto mais o meu nariz.

Emprestei minhas luvas ao Chico. Esse rapaz  
tomou-as emprestado bem demais!  
E meu mano Chico, por onde andará?  
Olho para aqui... Olho para ali...  
E não é que o mano Chico já vem vindo lá!  
(Chico aparece ao fundo e fala.)

**CHICO:** Olá! Êh! Ôi!  
Pensei que eu fosse o primeiro a chegar,  
mas meu mano João aqui já está.

**JOÃO:** Chico! As ovelhas, como vão? E o gado?

**CHICO:** Ah, João, lá eu quase morri congelado.

**JOÃO:** Tu, congelado, Chico, meu irmão?  
Pois olha só minhas mãos como estão!

**CHICO:** Ora, ora, então só tens duas?  
Com mil trovões, que mentira a tua!  
Êi, e o mano Pedro, por onde andará?  
Olho para aqui... olho para ali...  
E não é que o mano Pedro já vem vindo lá!

**PEDRO:** Olá! Êh! Ôi!  
Pensei que eu ia ser dos primeiros

a alcançar o rebanho e os carneiros,  
e sou o último a chegar!

**CHICO:** Com mil trovões! Teu jeito de andar  
vai-te deixar sempre atrasado.

**PEDRO:** Foi minha mulher. Não me deixou vir embora  
enquanto não remendei seus sapatos na hora.  
Mas se este frio tão forte continuar,  
realmente teremos que nos cuidar.

**JOÃO:** Chico, por acaso ouviste um rumor  
sobre Cirino, nosso governador,  
que por ordem de César fará um recenseamento?  
Todos terão de dar um tributo em pagamento,  
sob pena de ter seus bens confiscados.  
Quem pode, sabendo disso, ficar bem humorado?

**CHICO:** Êh, João, que estás aí resmungando?  
Será mesmo verdade o que estás contando?  
Isso não deveria ser permitido,  
pois fará o povo ficar mais sofrido.

**PEDRO:** Meu Deus, são exigências sem fim...  
Que desgraça! Que tristeza! Ai de mim!  
Acho que eles deviam pensar por um momento

em diminuir nosso sofrimento.

De todo lado, é a desgraça a chegar;

e dela ninguém se pode livrar.

**JOÃO:**

Ah, meu Pedro, tu não deves queixar-te.

De pobreza, eu é que posso falar-te!

Tão inocente e sempre prejudicado.

Nem de dia, nem de noite ando sossegado.

De minhas ovelhas estou sempre cuidando,

e nem durmo mais desde não sei quando.

Ontem, com os companheiros, ao campo me apressei

e diligentemente as ovelhas contei:

mas lá em cima não achei muitas, não.

Em poucas palavras te direi a razão.

(Ele toma Pedro de lado.)

**CHICO:**

Meu velho, anda logo com esse palavrório!

**JOÃO:**

Uma parte delas o lobo estraçalhou.

(Os pastores se assustam com a palavra “lobo”;

suas pernas tremem, e eles se põem de cócoras.)

**CHICO:**

Quem sabe foi um vira-lata qualquer que as pegou.

São coisas que podem acontecer.

Porque tudo é o lobo que tem de fazer?

**JOÃO:** Ora, Chico, cala a boca, irmão!  
Então um lobo morde com a força de um cão?

**CHICO:** Sim senhor, e com mais força ainda!

**JOÃO:** Podes dizer o que quiseres, rapaz.  
Junto do rebanho devemos manter a paz.

**PEDRO:** Minha mulher deu-me pão com queijo  
e bolachas para trazer.  
Agora, uma boa ceia nós vamos fazer.  
(Os pastores se sentam.)

**CHICO:** Tens também um pedaço de toucinho?

**PEDRO:** Três, do tamanho deste punho, irmãozinho!  
(Pedro reparte sua refeição com os outros.  
Eles comem e depois se aquietam.)

**PEDRO:** Há pouco tempo ouvi contar  
que Deus, da Eternidade, decidiu enviar  
ao mundo o Messias tão esperado.  
Os piedosos serão salvos e consolados;  
e então aqui, nesta terra amarga,  
estaremos livres de toda a carga.

**JOÃO:** Ah, se isso acontecesse agora,  
e o Messias aparecesse aqui, bem nesta hora,  
saltos e pulos alegres daríamos,  
e o “Deo Gratias” cantaríamos!  
(Às primeiras palavras de João – em especial Messias –  
os pastores se levantam e se colocam formando um  
triângulo, apoiados em seus cajados, com Pedro no meio;  
nas palavras correspondentes, pulam os três ao mesmo  
tempo, em sinal de alegria.)

**CHICO:** Em que tempo e lugar vai isto acontecer  
e o consolo dos pobres poderemos ver?

**PEDRO:** Sobre o tempo, nada foi ouvido,  
mas o lugar nos é bem conhecido:  
é em Belém que isto se dará;  
de uma Virgem escolhida ele nascerá.

**JOÃO, refletindo:** Agora, escutai, irmãos queridos:  
já que estamos os três aqui reunidos,  
vamos deitar-nos um pouquinho  
e tirar um bom soninho.  
(Os pastores se põem em fila, deixam-se cair na  
direção de José e Maria e dormem. O Anjo aparece e canta)

**O ANJO:** Glória, glória in excelsis!  
Eu vim aqui feliz contar,  
a boa-nova anunciar.  
Ficai de pé, e após correi  
correi ao presépio que há em Belém!  
Correi! Correi!  
Eia, pastores, a Belém viajai,  
e charamelas e flautas levai!  
Lá na lapinha, na palha vereis  
o Menininho Jesus, nosso Rei,  
lá em Belém, lá em Belém.  
Ó pastores, ó pastores,  
confiantes atendei  
à boa-nova que vos dei!

**JOÃO:** Chico, que é isso, esse canto jubiloso?  
fala sonhando É um fantasma que nos vem assustar  
e perturbar nosso sono preguiçoso.

**CHICO :** Ih! Quantos milagres na terra e no céu  
fala sonhando estou vendo através do meu chapéu!  
Vejo uma luz grande e clara brilhando.  
Que rosto é aquele que estou enxergando?

**PEDRO :** Ouço uma voz tão clara e pura!  
fala sonhando: Parece um coro de anjos lá das alturas.

**O ANJO** canta: Dos altos céus aqui cheguei.

A boa-nova anunciei.

Com alegria vim cantar,  
e sem cessar a Deus louvar.

(João se levanta e fala com Pedro)

**JOÃO:** Toma cuidado! O gelo está escorregando.

**PEDRO:** Caramba! O chão está liso como um espelho.  
Chove a potes. Tenho a roupa vazando,  
e minha barba está dura como um bloco de gelo.

**JOÃO:** Chico, levanta-te, o céu está caindo!

**CHICO:** Ora, deixa cair, ele já está velho mesmo.

**JOÃO:** Chico, levanta-te, os passarinhos já estão piando!

**CHICO:** Ora, deixa que piem!  
Com cabecinhas tão pequenas, não precisam dormir tanto.

**JOÃO:** Chico, levanta-te, já se ouve a zoadá  
dos cocheiros na lida, pegando a estrada.

**CHICO:** Ora, deixa zoar.  
Os cocheiros ainda terão muito que rodar.



- JOÃO:** Ora, tu hás de te levantar!
- (João tenta levantar Chico, servindo-se de seu cajado como alavanca. Chico, meio levantado, volta a cair.)
- JOÃO:** Toma cuidado, o gelo está escorregando!
- CHICO:** Êh! Com mil trovões!
- Só abres a boca depois que eu machuco a pança!
- (Pausa)
- Ah, meu João, que foi que sonhaste,  
que a meu lado tanto te viraste e rolaste?  
Que foi que sonhaste?
- JOÃO:** Que foi que sonhei?
- De bom grado te contarei.
- (Os pastores, sempre em triângulo, apoiam-se em seus cajados para saltar, virando-se assim de costas uns para os outros.)
- JOÃO** canta: Em um presépio onde entrei,  
um boi e um burro encontrei,  
que lá se alimentavam.
- Que virgem pura avistei!
- Ao lado dela estavam.
- Se Deus quisesse me deixar

a vida toda assim sonhar,  
tão cedo não acordava.  
(Com um salto em volta do cajado, os pastores  
se voltam de novo de frente uns para os outros.)

**CHICO:** Ah, meu Pedro, que foi que sonhaste,  
que a meu lado tanto te viraste e rolaste?  
Que foi que sonhaste?

**PEDRO:** Que foi que sonhei?  
De bom grado te contarei.  
(Saltam de novo, ficando de costas  
uns para os outros.)

**PEDRO** canta: Na noite santa que chegou,  
profundo sono me tomou.  
Que noite jubilosa!  
A minha alma se adoçou  
de mel e de rosa.  
(Com novo salto, voltam-se de novo  
uns de frente para os outros.)

**JOÃO:** Ah, meu Chico, que foi que sonhaste,  
que a meu lado tanto te viraste e rolaste?  
Que foi que sonhaste?

**CHICO:** Que foi que sonhei?  
De bom grado te contarei.  
(Com novo salto, viram-se de novo  
de costas uns para os outros.)

**CHICO** canta: Com lindo anjo eu sonhei.  
E nos levou até Belém,  
por montes e por covas.  
E o milagre contemplei,  
ouvi as boas-novas.  
(Os pastores cantam, andando uns  
atrás dos outros em círculo.)

**OS PASTORES** cantam:

Eia, pastores, sempre contentes!  
Cantemos, pois, alegremente!  
Vamos, pastores, a caminhar,  
e com prazer cantar e saltar!  
Davi foi pastor igual a nós.  
Eis o que alegra a nossa voz.  
Sempre cantamos no pastoreio.  
Se nos apraz, dormimos primeiro.  
Vamos cantar, a Deus louvar!  
Ninguém, ninguém nos vai calar.  
Davi, o valente e bom pastor,  
sempre cantava em Seu louvor.

Rudes batalhas tendo vencido,  
ao poder foi conduzido.  
Ele terá o cetro também,  
e dos judeus será o rei.  
Todos apontam a Davi,  
bravo pastor como nós aqui.

**JOÃO** fala:           Agora...  
a Belém vamos indo já,  
para ver o milagre que se deu lá.  
Mas, à criança, que vamos dar?  
Que é que lhe vamos ofertar?

**CHICO:**               Um pote de leite vou dar-lhe de presente  
para que, com ele, sua mãe a alimente.

**PEDRO:**              Há um lindo cordeirinho em meu rebanho. Vou levá-lo.  
Essa criancinha bem merece ganhá-lo.  
Com meu cajado, vou depressa pegá-lo.  
e em meus ombros vou pendurá-lo.

**JOÃO:**               Um pouquinho de lã vou oferecer,  
Para que nela sua mãe a possa envolver.  
(Os pastores saem para pegar seus presentes.  
O palco escurece.)

**CHICO:** A noite está muito escura, não posso ver mais nada,  
se estamos na estrada certa ou na estrada errada.  
Êh! O caminho para a cidade onde é?

**JOÃO:** Chico, estou vendo uma casa de sapé.  
Perguntemos lá pela divina criancinha,  
e eles nos dirão, decerto,  
qual é o caminho certo  
para encontrar a criancinha.  
(João bate com o cajado no chão,  
ao lado do presépio.)  
Ô de casa! Não há ninguém aí  
que nos possa levar onde queremos ir?

**JOSÉ:** Meu amigo, quem estais a procurar?  
Alguém que vos conduza a algum lugar?  
Por favor, dizei-me que lugar será,  
e o que pretendeis indo até lá.

**CHICO:** Avozinho, procuramos o divino Menino,  
que para nós deve ter nascido.  
Queremos saber se é verdadeira a voz  
que contou essa história para nós.

**JOSÉ:** Se isso é o que quereis, é por aqui a entrada.  
Aí está a criancinha desejada.

(Os pastores cantam junto ao presépio.)

**OS PASTORES** cantam:

Repara bem, com atenção.

Quem vês na palha, ó coração?

Um menininho: é Jesus.

Ao seu redor, que linda luz!

(João se ajoelha e fala, oferecendo seu presente.)

**JOÃO:**

Eu te saúdo, criancinha delicada!

Em que caminha tão mísera e dura estás deitada!

Caminha de palha, sem macias penas,

só com feno que pica... Ah que duro é o feno...

Não nasceste no verão, menininho terno,

mas sim no áspero tempo de inverno.

Para ti, que és como o lírio e a rosa branca, tenra flor,

escolheste tanto gelo, em vez de calor.

Tua bochechinha branca, teu narizinho delicado,

como estão endurecidos e enregelados...

E teus dourados olhinhos queridos

de lágrimas amargas estão umedecidos.

Menininho Jesus, um pouco de lã eu vim trazer,

para que nela tua mãe te possa envolver.

Dou-te também um pouco de farinha,

para que tua mãe te faça uma papinha.

E, se mais vezes eu voltar a ver-te,

mais coisas ainda virei trazer-te.

(Chico se ajoelha e fala, oferecendo seu presente)

**CHICO:**

Eu te saúdo, criancinha delicada,  
que estás aí deitada, enregelada...  
É tão grande teu salão lá no céu,  
e vieste ao mundo pobre, sem nada de teu.  
Um pote de leite eu te dou, de coração,  
e me coloco sob tua proteção.

(Pedro se ajoelha e fala, oferecendo seu presente.)

**PEDRO:**

Deus te guarde, querido menininho!  
Eu te saúdo, Jesus pequenininho!  
Tu, que és rei, num estábulo nascido,  
ao seio de tua mãe estás sendo nutrido.  
Um cordeirinho, ó rei, eu te trago.  
Peço-te aceitá-lo de bom grado.

**JOSÉ:**

Pastores, eu muito vos agradeço  
por vossos presentes e vosso apreço.

**MARIA** canta:

A vós agradeço com meu fervor  
por vossos presentes de valor.  
Queira o bom Deus vos resguardar  
e vosso rebanho abençoar.

(Os pastores balançam a manjedoura, cantando.)

**OS PASTORES** cantam:

Cristo Jesus embalemos,  
na palha nos curvemos,  
a fim de abençoarmos  
quem veio aqui salvar-nos,  
ó doce Jesus, ó doce Jesus!  
(Os pastores saem do estábulo.  
José segue-os com o olhar.)

**JOÃO** fala:

Oh...  
Como pode ter isto acontecido:  
nascer tão desconhecido,  
e tanta penúria e frio padecer,  
quem o mundo todo veio reger?

**PEDRO:**

Ele desceu à terra na maior necessidade  
por ter de nós piedade,  
para nos tornar ricos lá nos céus,  
tal e qual os queridos anjinhos seus.  
Com isto ele nos deu uma lição:  
que o homem se afaste da presunção,  
e deixe a soberba e a suntuosidade  
e viva uma vida de humildade.

**CHICO:**

Podemos criar coragem,  
pois de sangue real é a sua linhagem.



Também era pastor o rei Davi.  
Na Escritura Sagrada foi isso que eu li.  
E, com o poder real que possuía,  
ele matou o poderoso Golias.

**JOÃO:** Mas se à nossa gente nós contamos  
o que hoje aqui presenciamos,  
ninguém vai acreditar em nada!  
Todos darão uma boa gargalhada;  
pois o que sucedeu tem tal dimensão,  
que ultrapassa a humana compreensão.

**PEDRO:** Pois eu não me posso calar.  
(estrofe optativa) Ao meu patrão terei de avisar.  
E amanhã vou a Jerusalém  
contar tudo ao governador também.

(Os pastores dão uma volta, cantando  
a primeira estrofe do canto da página 32:)

**OS PASTORES** cantam:

Eia, pastores, sempre contentes!  
Cantemos, pois, alegremente!  
Vamos, pastores, a caminhar,  
e com prazer cantar e saltar!  
Davi foi pastor igual a nós.  
Eis o que alegra a nossa voz.

**CHICO** fala: Olha! O nosso Tião está chegando.  
Deve ter andado nos procurando.  
Meu caro Tião, Deus te guarde!

**TIÃO:** Meu velho Chico, Deus te pague!

**JOÃO:** Como vão nossos rebanhos e carneiros?

**TIÃO:** É verdade, estão na choupana os carneirinhos,  
desde o maior até o menorzinho.  
E vós, que novas trazeis aqui?  
É verdade o que o povo anda contando por aí?

**JOÃO:** É verdade! Está em Belém a criancinha,  
deitada na manjedoura, entre o bezerro e o burrinho.  
E, se o milagre queres ver também,  
levanta amanhã cedo e vai conosco a Belém.

**TIÃO:** É longe, onde ela está?

**JOÃO:** Até chegares lá.

**TIÃO:** Está bem, está bem, vou pensar um pouquinho.  
Vou dar uma ponta de minha peliça ao menininho.  
(Os pastores cantam, andando uns atrás  
dos outros em círculo.)

**OS PASTORES** cantam:

Os pastores a guardar  
suas ovelhinhas,  
trabalharam sem cessar,  
depois dormiram.  
Um anjo se aproximou,  
e Deus o iluminou.  
Quem susto sentiram!  
O anjo diz: “Não temais!”  
Quem boa nova ele nos traz!  
Novas de alegria!

(A Companhia dá uma volta, cantando)

**A COMPANHIA** canta:

Todos devem se alegrar,  
pois hoje lá em Belém  
um lindo menininho rei  
nasceu por nosso bem.  
Do céu é sua luz.  
Seu nome é Jesus.  
Aqui desceu querendo vir  
do mal nos redimir.  
Lembremos nós que Jesus nasceu  
humilde como ninguém.  
Foi na lapinha que desceu,  
tão pobre, em Belém.

Na palha se deitou.

Assim se anunciou.

E dele todos vós sabeis

que é o Rei dos reis.

(A Companhia senta-se nos bancos laterais na frente da cena. O anjo se adianta e fala.)

**O ANJO:**

Honrados senhores, sábios, generosos;

gentis donzelas, senhoras virtuosas,

espero que não vos tenhais zangado

por nossa arenga terdes escutado.

Não leveis a mal tão fraca ciência,

mas considerai nossa pouca inteligência.

E se acaso dissemos algo errado,

e se não fomos bastante delicados,

olhai de tudo isto o lado proveitoso.

E, em nome de Deus Todo Poderoso,

nós vos desejamos

BOA NOITE!

(Toda a Companhia se adianta e agradece.)

F I M